

13º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

23 DE AGOSTO DE 2026

MATEUS 16.13-20

1 LEITURAS DO DIA

1.1 Salmo 138

O Salmo 138 é uma manifestação de louvor ao Senhor por sua misericórdia e fidelidade à aliança com o povo de Israel. Deus é misericordioso e fiel, por isso lhe rendemos graças. Davi descreve a grandeza dos benefícios divinos e assegura a si próprio e as demais pessoas a fidelidade e a presença constante do Deus eterno em suas vidas.

Também ele ressalta o fato de que o Eterno tem mostrado que o seu nome e os seus mandamentos estão acima de todas as coisas e que ele será louvado por todos os reis da terra quando estes ouvirem as suas promessas.

Diante da grandeza do agir divino, o Salmo surge como a reação natural de gratidão e louvor. O salmista reconhece que, embora Deus seja excelso e encare os soberbos de longe, Ele atenta para os humildes. A confissão de fé em Jesus leva o crente a prostrar-se e render graças. O Senhor não abandona o seu trabalho.

1.2 Isaías 51.1-6

O profeta encoraja o povo exilado a olhar para as suas origens, lembrando-se da fé de Abraão e Sara. Assim como Deus começou algo grandioso a partir de um casal sem filhos, Ele é poderoso para consertar as ruínas e trazer a salvação. O texto prepara o Evangelho ao lembrar que a obra de Deus é contínua e se baseia na Sua justiça e salvação eterna, que não se esgotam.

Deus vem ao encontro do seu povo, não para lhe dar uma justiça própria, mas uma justiça que brota de Deus, ou seja, uma salvação que vem de Deus. A salvação de Deus para o seu povo se traduz na encarnação de Cristo. Sobre a “Rocha”, o povo do Antigo Testamento estava firmado em esperança futura. Sobre a “Rocha”, a Igreja

do Novo Testamento está firmada. Há esperança, certeza e alegria “já” e no “futuro” eterno.

1.3 Romanos 11.33-12.8

A leitura da Epístola é um hino de louvor à riqueza da sabedoria e conhecimento de Deus, manifestada na história salvífica. O apóstolo Paulo exalta a profundidade do conhecimento e da sabedoria dele e para ele, e diz que tudo existe por meio dele e para ele.

Paulo conclui sua reflexão sobre a soberania e a misericórdia de Deus com um hino de exaltação: *"quão insondáveis são os seus juízos e inescrutáveis os seus caminhos"*. Esse reconhecimento não é apenas teórico, mas exige uma mudança de vida. Em Romanos 12, ele convida o leitor a usar os diversos dons espirituais para a edificação do mesmo Corpo de Cristo (a Igreja mencionada em Mateus). Sendo nova criatura em Cristo, o cristão vive uma nova vida. Os dons da graça de Deus, que Ele distribuiu segundo Lhe apraz, devem sempre servir para o bem comum. Esta é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

1.4 Mateus 16.13-20

Neste Evangelho, Jesus pergunta aos discípulos quem Ele é. A resposta de Simão Pedro não vem da carne ou do sangue, mas de uma revelação do Pai. O evangelho apresenta a confissão de Pedro: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo, verdade sobre a qual Cristo edificou a sua igreja. As chaves do reino são dadas.

Jesus está se aproximando do tempo de ser crucificado. Logo após, o texto prediz a sua morte e ressurreição (Mateus 16.21). Portanto, dentro deste contexto, a confissão de Pedro tem um sentido bem específico: Cristo, o Ungido de Deus, vem para dar sua vida e para vencer a morte, garantindo-nos, assim a vida eterna.

v.13: “Jesus foi para a região que fica perto da cidade de Cesareia de Filipe. Ali perguntou aos discípulos: - Quem o povo diz que o Filho do Homem é?”

A pergunta de Jesus *“quem o povo diz ser o Filho do homem”* é intrigante. Pelo menos duas perguntas surgiram num primeiro momento: Será que Jesus queria saber

acerca das ideias que circulavam entre o povo a respeito da sua identidade? Ou será que ele estava “testando” a crença dos discípulos?

Os discípulos precisavam ser preparados para os dias difíceis que iriam acontecer mais tarde, quando Jesus seria entregue para morrer e ressuscitar. Precisavam crescer na fé em Jesus para não vacilarem nos momentos de sua paixão e morte. Fazendo um teste para a fé dos discípulos, Jesus lhes pergunta sobre o testemunho do povo a respeito dele.

v.14: “Eles responderam: - Alguns dizem que o senhor é João Batista; outros, que é Elias; e outros, que é Jeremias ou algum outro profeta.”

Na sequência do texto, os discípulos responderam como se tivessem entendido que a pergunta de Jesus se referisse ao primeiro caso. Eles respondem *uns dizem e outros*, e não eles próprios. Apesar das constantes injúrias que os fariseus faziam sobre Jesus, o povo ainda tinha uma grande estima por ele comparando-o com João Batista, Elias, Jeremias e a algum profeta. As respostas do povo são diversas, mas convergem na crença popular de que um destes mortos tenha ressuscitado. No entanto, mesmo tendo Jesus em alta estima, o povo não tinha noção da verdadeira identidade de Jesus.

v.15: “E vocês? Quem vocês dizem que eu sou? - perguntou Jesus.”

Diante desta resposta dos discípulos, Jesus envereda para a segunda possibilidade: “e vocês, *quem dizem que eu sou?*”. A bem da verdade, não importa se a pergunta de Jesus foi real ou retórica. O que importa é que Jesus usou a pergunta para questionar os discípulos acerca do seu conhecimento sobre a sua verdadeira natureza a revelar verdades fundamentais acerca da sua igreja.

v.16: “Simão Pedro respondeu: - O senhor é o Messias, o Filho do Deus vivo.”

Pedro iniciou sua confissão. A confissão, embora feita em nome dos discípulos, revelou a fé pessoal de Pedro. Foi uma declaração concisa, precisa e completa sobre a divindade de Jesus. Expressou a fé dos discípulos em Jesus como o Redentor

prometido, como também é o Filho do Deus vivo. Com esta afirmação, Pedro enfatizou a atividade messiânica de Jesus e sua natureza divina.

v.17: “Jesus afirmou: - Simão, filho de João, você é feliz porque esta verdade não foi revelada a você por nenhum ser humano, mas veio diretamente do meu Pai, que está no céu.”

Jesus considerou Pedro um bem-aventurado, palavra que indica um estado de felicidade por causa de adequada relação com Deus. Pedro é bem-aventurado em vista da sua resposta, exatamente por causa da correta confissão que fez acerca de Jesus. Mas mais do que isso, porque a confissão não tinha sido produzida por raciocínios e conclusões humanas, mas revelada no coração crente de Pedro pelo próprio Deus. O correto conhecimento de Jesus Cristo, a fé verdadeira, é obra e dom de Deus.

v.18: “Portanto, eu lhe digo: você é Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja, e nem a morte poderá vencê-la.”

Este versículo é um dos mais controvertidos do Novo Testamento. A polêmica é causada pela palavra “rocha”, pedra, dita por Jesus. Quem ou o que é a pedra? É Pedro? É Cristo? É a confissão de Pedro? É a própria revelação do Pai? Considerando outras afirmações bíblicas (como Ef 2.20, Ap 21.14, 1 Pe 2.4-6, 1 Co 3.11), é preciso seguir o trajeto que afirma que a pedra é, fundamentalmente, o próprio Cristo. Somente Cristo pode ser o fundamento da Igreja - a pedra fundamental, a pedra angular. E somente por causa disso as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja. A presença viva de Cristo encoraja, anima e consola. A igreja edificada sobre a firme afirmação de Pedro, que Cristo é o Messias, o Filho do Deus vivo, não precisa temer o inferno.

v.19: “Eu lhe darei as chaves do Reino do Céu; o que você proibir na terra será proibido no céu, e o que permitir na terra será permitido no céu.”

Não há dúvida de que a pessoa de Pedro foi enfatizada por Jesus. Falando em nome dos discípulos em resposta à pergunta de Jesus (v.15), seria natural que Jesus

se dirigisse a ele. Neste sentido, Jesus toma a parte (Pedro e seu ofício apostólico) pelo todo (a Igreja e seu ofício apostólico). A promessa foi feita originalmente a Pedro, cristão, mas, por extensão, a todos quantos têm a mesma fé de Pedro e fazem a mesma confissão que ele fez. Aliás, que este ofício não é restrito a Pedro, o próprio Jesus mostra em palavras paralelas: “Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos” (Jo 20.23). As explicações de Lutero sobre o Ofício das Chaves (como no Catecismo Menor) seguem este caminho abrangente.

v.20: “Então Jesus ordenou que os discípulos não contassem a ninguém que ele era o Messias.”

Novamente uma afirmação intrigante de Jesus. Ele fez esta advertência aos discípulos a fim de evitar o apoio do povo, que via nele especialmente um salvador terreno, um rei político, e não o Cristo com uma missão divina de teor espiritual. Se isto fosse espalhado, poderia precipitar-se uma rebelião contra Roma. Somente mais tarde, diante de sua crucificação, Jesus respondeu publicamente ao sumo sacerdote que ele era o Cristo.

2 PONTO EM COMUM ENTRE OS TEXTOS

A conexão central entre essas leituras é a revelação da identidade de Deus, o chamado para viver a fé em comunidade e a resposta de entrega total que Ele espera do ser humano. Os textos conduzem da confissão de Jesus como Messias até a aplicação prática dessa fé no dia a dia.

3 PROPOSTA HOMILÉTICA

3.1 Introdução

Quem é Jesus para você? Diariamente aparecem pessoas opinando sobre quem é (ou foi) Jesus. Um homem bom, um guru, um místico, um asceta, um sábio. Já nas Escrituras encontramos diferentes opiniões do povo acerca de Jesus. Alguns

julgavam que ele era um endemoninhado e louco (Jo 10.20), um blasfemador (Jo 10.33), João Batista, Elias, Jeremias ou algum dos profetas (Jo 16.33).

3.2 Desenvolvimento (lei e evangelho)

No entanto, mesmo cristãos podem ter uma compreensão equivocada ou incompleta sobre quem de fato era Jesus. Ainda hoje, Jesus continua a ser visto apenas como um exemplo de bondade que se destaca em sua doação às pessoas, sem ser visto como o Salvador da humanidade. Precisamos cuidar para não nos acomodarmos e deixar que Jesus seja visto das mais diferentes formas e opiniões diversas sem base bíblica ou doutrinária. Precisamos interferir para mostrar que “Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo”.

Por isso, o convite para refletirmos sobre três respostas ao teor da pergunta que Jesus fez aos discípulos no Evangelho de hoje - quem vocês pensam que eu sou? Um homem bom? Um profeta? O Cristo, o Filho do Deus vivo? Essa última fornece uma compreensão adequada do Salvador Jesus.

3.3 Conclusão

Jesus, “o Cristo, o Filho do Deus vivo” é o fundamento da Igreja sobre quem o inferno não tem poder de vencer. Esta é a visão e o reconhecimento que devemos ter diante do mundo. Os meios para vencer esta visão incompleta sobre Jesus o próprio Deus nos dá. Assim como Deus revelou a Pedro que Jesus é “o Cristo, o Filho do Deus vivo”, ele continua a nos levar a esta fé e certeza mediante a pregação de sua palavra e a administração dos sacramentos (Santa Ceia e Batismo).

Motivados pela certeza que Deus nos dá, não precisamos mais deixar de divulgar que Jesus é o Cristo, pois agora já ficou claro que o Messias não veio para uma libertação política, mas para a maior libertação de que temos necessidade: a libertação de nossos pecados. Com as chaves do reino dos céus, podemos ter a certeza da ligação de Deus conosco mediante sua palavra e sacramentos.

Rev. Jossemar Schulz dos Santos

Ijuí / RS